

Recordações Históricas: possibilidades e análises acerca de uma identidade baiana e nacional.

LINA RAVENA SOUZA SANTOS¹

“De onde é que você vem?

Qual é sua raiz?

Essa lembrança que te faz feliz?”²

Resumo:

O presente artigo busca entender a importância da História na construção de uma identidade nacional e regional, mais especificadamente a identidade baiana, a partir do estudo da obra *Recordações Históricas* (1921) do historiador baiano Braz Hermenegildo do Amaral (1861-1949). É através da sua variedade de textos, onde a maioria se detém em discutir o estado natal do historiador, que me proporei a entender qual a sua proposta de identidade para o baiano frente a obra da formação identidade nacional no período Republicano. Também é de interesse desse texto perceber os embates dentro da disciplina histórica no período, buscando através da trajetória do historiador perceber a qual projeto político a sua produção historiográfica se dispôs a atender ou não.

Palavras-chave: Bahia; historiografia; identidade; local; nacional.

1. Introdução : A história e a república

¹ Aluna regular do Programa de Pós-graduação Mestrado em História da UEFS com a pesquisa *Das recordações ao do Império a República: o fazer-se historiador de Braz do Amaral*, subsidiada com bolsa CAPES e orientada pelo Prof. Dr. Rinaldo Cesar Nascimento Leite.

² FERNADES, Saulo Jorge N.. Oxente Balance. Intérprete: Saulo Fernandes. In.: *Lugar da Alegria*. Som Livre, 2009. 1 CD. Faixa 2.

Quando nos debruçamos sobre a historiografia baiana, e nos propomos a analisá-la um nome aparece recorrentemente para os que irão se dedicar a este trabalho: Braz do Amaral (1861-1949). Chamado por Rinaldo Leite de “o historiador da Bahia” (LEITE, 2013:01-16), Amaral é dono de uma larga produção de artigos, livros e relatórios, os quais em sua grande maioria se dedicam ao estudo do estado de onde começou o Brasil.

No entanto para a escrita do presente texto tomo como ponto central a análise da obra *Recordações Históricas* de autoria de Amaral publicada em 1921. A partir da análise dos 42 textos que compõe esta obra, busco compreender qual a proposta de identidade para o baiano foi proposta por Amaral, e como esta partindo de uma perspectiva local se fez tão necessária em um momento de formação de uma “nova” identidade nacional que se fez necessária devido ao novo regime político implementado: A República.

Instaurada em 15 de novembro de 1889 a República trouxe consigo, dentre todas as suas novidades, a necessidade de se reescrever a história do Brasil, o que alguns autores nomearam posteriormente como “redescobrir o Brasil” através da história.

Esse período que vai do fim do século XIX até as primeiras décadas do século XX como afirma Allan Megill também é a época onde a “historiografia do ocidente ganha um caráter acadêmico unificado, com organizações profissionais e departamentos universitários” (MEGILL, 2013: 11- 37). Partindo da Europa em direção aos demais países e continentes a História começou a se firmar como a responsável de “enunciar a verdade da nação”. Não obstante este período é marcado por uma crise metodológica, ou seja qual modelo de história deveria ser seguido, e assim temos o contraste de duas correntes: positivistas versus metódicos.

Partindo ainda das conclusões presentes no texto do professor Allan Megill, seguir a linha positivista Comteana convergia em admitir que a História ia coerentemente “numa única narrativa racional e progressiva”, destarte o fim já estaria prescrito e todos os fatos históricos convergiam para a explicar uma final sociedade positiva. No entanto a Primeira Guerra Mundial vem abalar essas certezas dadas por esta teoria haja vista que este acontecimento muda mundialmente o ritmo das coisas. Em contrapartida vamos ver o interesse pela escola metódica ganhando cada vez mais

adeptos, e o documento escrito ganhando o status de verdade inabalável, caso sua autenticidade fosse comprovada. Chego a seguinte reflexão de que produzir História nesse período estava ligada a opção por uma matriz teórico/metodológica que garantisse a chegada a verdade histórica e que o historiador, este vivia em constante conflito pois como cientista tinha de se despir de posições políticas e ideológicas, pretensão esta que ao meu ver existia apenas no campo do imaginário devido a sua impossibilidade de execução. Em suma por maior rigor que se pretendesse adotar a subjetividade sempre implícita ou explícita em meio a tanta “objetividade”, a prova disso é que a História foi base para construções e reconstruções de projetos nacionais, tanto nos idos do séculos XIX e XX como posteriormente.

Ao se proclamar aqui no Brasil a República não foi apenas o regime político que mudou, mas era preciso dar uma nova “história”, novos mitos fundadores, novas datas comemorativas e acima de tudo Brasil passa a trilhar a sua identidade desassociando das matrizes portuguesas, ou seja, o Brasil tinha que partir dele próprio. Neste momentos vemos a proliferação dos Institutos Históricos regionais com a responsabilidade de dar cabo a esta tarefa: contar a História do Brasil e dos brasileiros, partindo das regionalidades específicas a fim de se dar conta de uma história nacional. Mas será que isso ocorre?

Para uma República em ascensão é de extrema importância o papel da história, pois é esta quem irá dar coesão e criar na sociedade a sensação de que todos partimos de um mesmo lugar em comum, que pertencemos ao mesmo espaço e que somos fruto de uma mesma luta. Com a instauração do regime Federalista se fez cada vez mais necessário criar nos que aqui viviam e nasceram o sentimento de ser brasileiro, e que este se sobrepusesse aos outros sentimentos como: ser paulista, ser baiano, ser mineiro, ser fluminense, ser cearense, ser paraense, entre outros. No entanto a construção de uma identidade nacional é marcada por disputas pelo poder, e ao final nem sempre ela acaba por contemplar a todos. O interessante é que mesmo não atendendo a todas as especificidades ela – a identidade – cria circunstâncias e memórias sociais coletivas afim de que apesar das diferenças regionais os indivíduos consigam se perceber como “iguais” dentro de uma esfera nacional cheia de diferenças.

2. Identidades, Braz do Amaral e as *Recordações*

A primeira concepção que se deve adotar e que parece comum entre os que se preocupam a pensar esse conceito é que a identidade não é um conceito essencialista, mas como afirmou Stuart Hall (HALL, 2000: 108) ela é “um conceito estratégico e posicional”, em suma ela não permanece igual haja vista que a mesma vai estrategicamente adotando posicionamentos diversos ao longo do tempo. Sobretudo é preciso pensar, como nos sugere Benedict Anderson³, que as identidades são narrativamente inventadas/imaginadas historicamente, mas sem perder de vista a realidade dessas. Ou seja as identidades não possuem em si imutabilidades mas realidades que passam a ser pensadas a fim de tentar dar corpo, como é o caso do estudo de Anderson e desse artigo, a uma nação.

Pensar identidade, requer pensar em quem é o outro, refletir a cerca das diferenças que nos faz optar por ser algo e não outro. Sim optar! Pois como já afirmamos não nascemos com uma Identidade, mas por motivos diversos vamos optando por ela. E optamos porque vivemos em constante contato com ela já que esta é discursiva e se vale da mídia – História, literatura, TV, música, jornalismo ... – para se difundir e chegar até nós indivíduos, os quais através de um processo de identificação vamos subjetivando-as e incorporando-as. Sim no plural! Pois além de não ter uma essência a identidade não é singular! (WOODWARD, 2000: 7-72)

Penso que ao nos debruçarmos na análise da obra *Recordações Históricas*, o ela nos remete a diversos questionamentos: Ao propor a termos recordações será que o autor admite que há esquecimentos históricos!? Porque compilar tantos textos diversos em uma única obra? As suas recordações estão sob a a análise histórica!? De qual argumento histórico ele se vale para legitimar traços da identidade do baiano? Em suma não sei se darei conta de responder sob a luz de pensar o conceito de identidade mas

³ Ao estudar os nacionalismos no sudoeste asiático Benedict Anderson na obra *Comunidades Imaginadas* publicado originalmente em 1983, parte do princípio que a partir do momento que a nação é imaginada é que ela passa a ser modificada e transformada para atender ao imaginado, entretanto é antes de tudo preciso atentar que o imaginado não é irreal mas este parte do real. Nem toda imaginação é irreal.

penso que para além de pensar em respostas únicas é possível levantarmos sob esse aspecto várias possibilidades de análise.

Antes de pensarmos a obra em si, precisamos atentar para o seu autor: Braz do Amaral. Quem é? Qual sua rede de sociabilidades (ver SIRINELLI, 2003)? Qual sua posição política? Qual sua concepção de história? Essas entre outras perguntas surgem necessárias para que possamos analisar a obra de sua autoria *Recordações Históricas*.

Amaral foi um homem que vivenciou três períodos distintos da nossa história – o império, a república e o estado novo – e a sua impressão e relação sobre esses períodos estão explícitos e implícitos em sua escrita da história. Além desse fato existem outros que não podem ser renegados. Nascido em 2 de novembro 1861, o filho do capitão do Corpo de Polícia Braz Hermenegildo Amaral e de Dona Josefa Virginia do Amaral, não possuiu uma infância dificultosa e após a devida preparação, matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia, onde se graduou no ano de 1886. Ainda como estudante⁴ da mesma faculdade Braz prestara concurso para interno de Cirurgia e logo depois para adjunto. Formado irá se tornar professor de Patologia Externa e Clínica Cirúrgica. Apesar de sua formação em medicina e ensinar na Faculdade de Medicina da Bahia, Braz do Amaral irá compor o quadro docente do Ginásio da Bahia (atual colégio CENTRAL). A referida instituição de ensino foi referencia na formação de adolescentes de Salvador no período de 1895 a 1942 (LIMA, 2001: 718).

O professor de medicina e de história, também surge no cenário político da Primeira República. Primeiramente, no momento da definição das fronteiras da Bahia com os estados vizinhos durante o primeiro governo de José Joaquim Seabra (J. J. Seabra) –1912 a 1916 – foi solicitado a Braz do Amaral uma exaustiva pesquisa histórica, afim de que de posse da documentação autêntica o mesmo pudesse auxiliar o referido governador a defender os nossos limites territoriais. Essa incumbência rendeu a Amaral documentação para várias de suas obras: *Limites do estado da Bahia: Bahia - Sergipe* (1916), *Limites do estado da Bahia: Bahia - Espírito Santo* (1917). Isso sem falar nos vários textos publicados sobre o tema nas Revistas do Instituto Geográfico e

⁴ Ver “Esboço Biográfico de Braz do Amaral” em Arquivo da Academia de Letras da Bahia, cadeira fundador n° 4.

Histórica da Bahia (AMARAL, 1909: 77-115; 1905-06: 59-91; 1907: 83-91). Fica nítido aqui a importância da ciência histórica para o período e como o documento autêntico e verdadeiro se torna a base tanto para uma produção de cunho historiográfico, mas também para o geográfico.

Em um escrito feito por Deolindo Amorim, membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, logo após a morte de Amaral percebo ser delegada a Amaral – assim como a outros membros – a busca por reafirmar como digna a identidade baiana ligada a tradição do período colonial e Imperial, pois como já fora confirmado em outros estudos da historiografia baiana atual (BRITO, 2008: 195; LEITE, 2012) essa elite letrada baiana vivia um momento saudosista e em busca de retomar sua importância e da Bahia perante o cenário nacional. Percebemos isso dentre outros lugares neste escrito de Deolindo Amorim sobre Amaral:

Braz do Amaral bahiano de nascimento, era bem um representante da Bahia Antiga, da Bahia ciosa de sua cultura, de sua dignidade política, de seu prestígio intelectual nascido da velha “aristocracia da inteligência”, que deu à nação tantos homens ilustres. (AMORIM, 1948-49: 130)

Tomando como fonte, ainda, as publicações feitas após sua morte nos jornais da época, tais como *O Estado da Bahia*, *Diário de Notícias*, *A Tarde* e *Jornal do Comercio* mostram o prestígio do orador do Instituto Geográfico e histórico da Bahia. Como por exemplo *O Estado da Bahia* de 3 de fevereiro de 1949 se refere a Amaral como “o mestre insigne da História bahiana”; o *Diário de Notícias* da mesma data o classifica como “Figura de mestre no trato da História bahiana”, ainda sobre sua perda, o *Jornal A Tarde* – ainda do mesmo dia 3 de fevereiro de 1949 – diz ser a morte de Amaral “uma grande perda para a cultura bahiana”. Em 13 de fevereiro de 1949, o *Jornal do Comércio* escreve: “mais um que se vai, do grupo abnegado que se devotou ao engrandecimento do Instituto Histórico da Bahia, antes de ingressar no Instituto Brasileiro.”.

Agora que possuímos uma consciência de quem foi Braz Hermenegildo do Amaral, e de algumas das redes de sociabilidade onde ele estava inserido podemos começar a pensar a proposta do mesmo para a obra *Recordações Históricas*.

Era o ano de 1921 quando Amaral publicou a obra *Recordações Históricas* (AMARAL, 1921), o qual diferentemente das suas outras publicações consiste em uma compilação de 42 textos de temáticas tão diversas. Dentre eles identifiquei que 31 deles foram escritos entre os anos 1907 e 1918, e os outros demais não pude identificar a data da produção, mas provavelmente devem ser deste mesmo período.

Como mostra a tabela abaixo:

Tabela 1: Textos e anos de produção presentes na obra *Recordações Históricas*

Quantidade de textos	Ano da produção
3	1907
1	1908
3	1910
9	1911
2	1912
1	1914
5	1916
3	1917
3	1918
11	Sem ano identificado

Tomei por base os números acima e valendo-me de análise mais externa da obra *Recordações* percebi que o ano de 1911 foi para o professor Braz do Amaral bastante proveitoso em termos de escrita e análise histórica, haja vista que os textos publicados neste período variam em temáticas passando pelo “2 de julho de 1823”, pela “A muralha ou paredão da Água de meninos à Jequitaia”, também por “Uma página da vida do povo argentino” e findando em “Como expirou a oligarquia romana”. Essa variedade de temas estudados e comentados sob a luz da História foi fruto de uma situação que Amaral fez questão de explicar logo na apresentação obra onde o mesmo escreveu que

“A minha situação de professor de História no ginásio da Bahia e o pendor que sempre tive pelos estudos desta matéria explicam esta série de escritos feitos entre os labores das lições diárias, no correr de muitos anos.” (AMARAL, 2007: 13)

A Bahia aparece como tema e espaço principal da maioria dos textos presentes na obra aqui analisada, fato este que não aparece como surpresa haja vista que Amaral foi por longos 24 anos orador do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, foi um estudioso e defensor dos nossos limites territoriais e professor secundarista. Sendo professor não é de se espantar que este se debruce por outros temas como “O protetorado de Cromwell” (1910), História da Argentina e a Oligarquia Romana. O estar em sala de aula fez Amaral ir além do que estava ao seu redor, atenuando neste sujeito um amplo leque de leituras típicos de um professor/pesquisador o qual para entender o seu tempo e espaço presente vai se debruçar sobre outras leituras diversas afim de dar conta de uma perspectiva amplificada dos temas que está tratando mas sem esquecer as peculiaridades que o local dá a cada processo histórico.

Neste primeiro olhar sobre a obra algumas ressalvas devem ser tomadas: 1º) Amaral confirma que a escolha dos textos inclui alguns dos quais já foram publicados em jornais da época, logo percebemos que os escritos presentes em *Recordações* pretendem alcançar um número de leitores muito mais amplo do que o restrito grupo de letrados e acadêmicos, e ao atribuir as suas recordações o título de históricas pretendeu-se passar a esse público, o qual não estava tão atento as discussões que vinham sido travadas dentro do campo da História como refleti na primeira parte desse texto, o caráter científico que a sua obra possui; 2º) Outro ponto é que a mesma fora publicada na sua primeira edição na cidade do Porto em Portugal, o que revela a raridade da obra para o público baiano e brasileiro do período, e mesmo que Amaral tenha fornecido as instituições com as quais ele possui relacionamento⁵ essa obra mesmo não atingindo o público em geral como pode ter alcançado no Porto pelo menos foi lida e refletida por aqueles responsáveis por pensar e escrever nossa história.

Dentre esses textos chama atenção “Duas idéias práticas que podem resultar de uma reunião científica...” onde o autor faz um apelo e uma defesa da importância da

⁵ Lembrando que Braz do Amaral fez parte da Faculdade de Medicina da Bahia, foi Orador o IGHBa, membro do IHGB, membro da Academia de Letras da Bahia, professor do Ginásio da Bahia, Deputado Federal.

produção de estudos científicos principalmente em história e em geografia, mas não é apenas esse ponto que chama atenção. No decorrer das 4 páginas do texto datado de 1916, o qual fora inspirados pelos debates no 5º Congresso de Geografia do Brasil ocorrido meses antes, o autor pede para que os demais municípios baianos sejam mais próximos das cidades do litoral e defende que isto só será possível se primeiramente através dos escritos “memórias históricas dos municípios” sejam enviadas a Congressos que se propõe a debater e posteriormente aplicar soluções, afim de que as respostas sejam dadas a todos os cantos do interior da Bahia e também do Brasil. Esse apego ao caráter científico e ainda visando uma História Total do Brasil que abarcasse suas peculiaridades mas com o foco na totalidade reflete a ligação de Amaral com a chamada escola metódica, a qual prezava pela comprovação dos fatos e também em ter funcionalidade prática na vida humana. Ao voltar seus olhos para as memórias dos municípios percebo a disputa que foi cara a esse período dentro da historiografia brasileira e que fora tão almejada e pedida pelos letrados daquele período que era a construção de uma História do Brasil que fosse além da pregada e contada pelo Sudeste.

3. Considerações finais

As análises anteriores expressão como Amaral defende uma fatia de importância para Bahia na construção da Obra da Nação Brasileira e conseqüentemente ser o povo baiano provido de características únicas advindas de um passado “glorioso” e ímpar, características essas que vem a engrossar e engrandecer o fato de ser brasileiro. Como podemos ver a seguir:

“Têm os baianos real motivo para se orgulharem da sua data de 2 de julho, porque ela foi o primeiro fato de grande valor da nossa vida nacional, como prova de poder; e porque terminou aqui, no batismo de fogo e de sangue da guerra da Independência, a emancipação do país, que também havia se preparado aqui pelo ato da abertura dos portos do Brasil .” (AMARAL, 2007: 194)

Mas como fruto de uma elite saudosista, e por estar publicando sua obra em Portugal apesar do texto datar de 1912, o autor não esquece de apontar a importância da presença portuguesa para a obra do nosso nacionalismo como ele escreveu no artigo titulado de “1823” que também se refere ao processo de Independência do Brasil na Bahia:

“Evacuavam na verdade os portugueses a Bahia, saindo como fugitivos desta terra, onde haviam aportado, como conquistadores em 1549, isto é, 274 anos antes, mas onde a sua passagem foi fecunda, porque, esclarecedores da civilização no Brasil, aqui lançaram as sementes de uma grande nacionalidade que se organizou, disciplinou e começou a policiar sob um governo regular que els inauguraram no país selvagem, sob a unidade religiosa e moral do cristianismo, que eles trouxeram, onde estabeleceram os vínculos de uma só raça, constituída dos três elementos que eles puderam submeter, de modo a formar as bases da constituição de um povo que, através das vicissitudes pelas quais têm passado todos os outros em igualdade de condições, pois não é possível mudar para ele as leis gerais da política e da sociologia que presidem a formação das nações, marcha para diante, aparelhando-se para também ser importante e poderoso no mundo.” (AMARAL, 2007: 266-267)

Ao lançar a obra aqui analisada a qual nos aparece como pensada para alcançar um número maior de leitores por manter seu caráter científico de história – entretanto sendo esses escritos mais narrativos – como se Amaral estivesse se propondo a comentar sob a luz da história fatos que ele presenciou como o advento da República e outros que ele pesquisou com afinco como o período regencial – dando ao grande público uma obra de História mas que proporcionasse uma leitura mais prazerosa. Ver o trecho a seguir presente no artigo “Um capítulo da vida da Bahia no período da Regência”:

“ Por todos estes moticos, penso que não perderá de todo o seu tempo quem passar os olhos neste trabalho que estou a escrever, se é ignorante das coisas.

Quanto aos que já conhecem, seria favor que preenchessem as falhas que vão notar, com esclarecimentos baseados em provas e reflexões de crítica sincera, ilustrada e sã.” (AMARAL, 2007: 17)

No momento da escrita da obra Recordações a discussão a cerca de uma história Regional e Local é inexistente, já que a ciência histórica daquele momento tendia a um estudo do total, entretanto Amaral aparece como um dos muitos historiadores que vivenciaram a crise do historicismo no início do século XX. A presente análise também não tendeu a uma final sobre a proposta de Amaral para uma Identidade Nacional o que fica claro nos textos presentes para além dos que não se detém a Bahia é que seria inconcebível para ele pensar o ser brasileiro sem levar em conta o heroísmo que teve o ser baiano nas disputas que levaram o Brasil a ser a nação que estava se erguendo com o advento do regime republicano.

4. REFERÊNCIAS ⁶

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **História**: a arte de inventar o passado. Bauru: EDUSC, 2007.

AMADO, Janaina. **Republica em migalhas**: historia regional e local. São Paulo, SP: Marco Zero, [Brasilia]: CNPq, 1990.

AMARAL, Braz do. **Memória histórica sobre a proclamação da República na Bahia**. *Revista do IGHBa*. Salvador: 11 (30): 3-52, 1904.

AMORIM, Deolindo. **Braz do Amaral e sua obra**. *Rev. Inst. Geo. e Hist. da Bahia*, Salvador, v.75, p. 130-137, 1948-49.

ARAUJO, Ricardo Benzaquem de. Ronda noturna: narrativa, crítica e verdade em Capistrano de Abreu. **Estudos Históricos**. São Paulo, Vértice, 1(1), 1988. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1936/1075>>. Acesso em 15/06/2014.

BARBOSA, Ivone Cordeiro. A Experiência Humana e o ato de narrar: Ricoeur e o lugar da Interpretação. **Revista Brasileira de História**: Biografia, biografias. Vol. 17, no. 33. S.P.,: Anpuh/Ed. Unijui, 1997;

BASTOS, Lúcia; GUIMARÃES, Lucia; GONÇALVES, Marcia; GONTIJO, Rebeca (orgs.). **Estudos de historiografia brasileira**. Rio de Janeiro: FGV, 2011, 340 p.

BOSI, Alfredo . As letras na primeira República. In: FAUSTO, Boris (org.) **História Geral da civilização brasileira**. São Paulo, Difel, 1977. T. 3, v. 2.

BRITO, Ana Clara Farias. **Tempos, Historia e ciências**: expectativas e propostas de letrados do Instituto Geográfico e Histórico para a Bahia (1894-1923). 2008. 195 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e Historia das Ciências) - Universidade Federal da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2008

BURKE, Peter. História como memória social. In.: _____. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. P. 67-89.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **Narrativa, sentido, história**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

⁶ Algumas das obras citadas no corpo do texto não se repetem no referencial final.

CARONE, Edgard. **A República Velha I**. instituições e classes sociais (1889-1930). 4ª. ed. Rio de Janeiro: Difel/Difusão Editorial S.A, 1978.

CARONE, Edgard. **A República Velha: evolução Política**. S.P: Difusão Européia do Livro, 1971.

CARVALHO, José Murilo De. **A Formação das Almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

D'ALESSIO, Marcia Mansor. Intervenções da Memória na Historiografia: identidades, subjetividades , fragmentos e poderes. **Projeto História**. Trabalhos da Memória, no. 17. S.P.: EDUC, 1998.

DARTON, Robert. O que é a história dos livros?. In.:_____. **O beijo de Lamourette** : media cultura e revolução. Sao Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DIEHL, Astor Antônio. **Cultura historiográfica**: memória, identidade e representação. Bauru: EDUSC, 2002.

EPPLE, Angelika; MALERBA, Jurandir. **A história escrita**: teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciado em 2 de dezembro de 1970. 15ª Ed. São Paulo, SP: Loyola, 2007.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Verdade e Memória do Passado. **Projeto História**. Trabalhos da Memória, 17. SP: EDUC, 1998.

GOMES, Angela de Castro. **História e historiadores** : a política cultural do Estado Novo. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GONTIJO, Rebeca. Tal história, qual memória? Capistrano de Abreu na história da historiografia brasileira. **Projeto História**. Nº 41. PUC-SP. 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. Ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. **A Rainha Destronada**: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas. Feira de Santana, BA, 2012.

_____. **E A Bahia Civiliza-se... Ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana Salvador, 1912-1916.**

Dissertação de Mestrado: UFBA – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1996.

LIMA, Déborah K. de. **O Ginásio da Bahia, educandário secundarista público de excelência, em Salvador, e o panorama da educação republicana (1895-1945).** In.: CONGRESSO DE HISTORIA DA BAHIA, 5. 2001 Salvador, BA. **Anais ...** Salvador, Ba: Instituto Geografico e Historico da Bahia, Fundacao Gregorio de Matos, Bahiaturisa, 2004.

NEVES, E. F. **Historia regional e local:** fragmentacao e recomposicao da historia da modernidade. Feira de Santana, Ba, Salvador, Ba, 2002.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A questão nacional na Primeira República. São Paulo, Brasiliense, 1990. B

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. 3 ed. Campinas-SP: Pontes, 2001.

PERROT, Michele. A Força da Memória e da Pesquisa Histórica. **Projeto História.**

Trabalhos da Memória, no. 17. S.P.: EDUC, 1998.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil:** de Varnhagen a FHC. 9. ed. ampliada Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

_____. **As identidades do Brasil 2:** de Calmon a Bonfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

SILVA, Aldo J. Morais. **Instituto Geográfico E Histórico Da Bahia:** Origem e Estratégias de Consolidação Institucional 1894 – 1930. Salvador, 2006. Tese (Doutorado em História) – UFBA – BA, 2006.

SILVA, Paulo Santos. **Âncoras de Tradição:** luta política, intelectuais e construção do discurso histórico na Bahia (1930-1949). Salvador: EDUFBA, 2000.

TAVARES, L. H. D. **História da Bahia.** 11ª Ed. – São Paulo: Ed. da UNESP; Salvador: EDUFBA, 2008.

